



DECRETO N.º 3705, DE 14 DE OUTUBRO DE 1970

Denomina "Santa Margarida Maria Alaccoque" uma via pública da cidade de Campinas.

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

**D E C R E T A :**

Artigo 1.º — Fica denominada "SANTA MARGARIDA MARIA ALACQUE", a rua formada pelas ruas 3, 4, e 5 do Jardim Bandeirantes, que tem início na Rua 10 do mesmo loteamento e termina na Rua 8, do Jardim Bandeirantes.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 14 de outubro de 1970.

DR. ORESTES QUERCIA  
PREFEITO MUNICIPAL  
ENG. JÚLIO CESAR PILENSO  
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS  
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
SEC. DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Jurídica), da Prefeitura Municipal de Campinas, datilografado por mim, Jeanete Aparecida Calil, assistente de advogado e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 14 de outubro de 1970.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE  
CHEFE DO GABINETE



Fd. 7  
171077

## Santa Margarida Maria, Virgem

A 17 de outubro de 1690, com apenas 43 anos, entregava sua alma a Deus, a grande confidente do Sagrado Coração de Jesus: Santa Margarida Maria Alacoque, religiosa contemplativa da famosa abadia da Visitação de Paray-le-Monial, na França.

Desde a infância, deu mostras de sua futura santidade. Abrasada de amor à Santíssima Virgem e ao Sacramento da Eucaristia, consagrou a Deus, sua virgindade, prometendo ingressar numa ordem religiosa.

Favorecida desde a adolescência por extraordinárias visões de Nosso Senhor com a Cruz aos ombros a caminho do Calvário, ardia em desejos de sofrer para consolar o Divino Mestre. Entretanto, somente em 1671, aos 24 anos, tomou o hábito em Paray-le-Monial, na época um centro irradiador dos mais nobres exemplos de virtude e santidade.

Desde a entrada no convento, Nosso Senhor aparecia-lhe, não de vez em quando, como antes, mas constantemente, o que é raro mesmo na vida dos santos.

Sentia-se inundada de consolagens. Quando suplicava o favor de participar um pouco dos sofrimentos da Paixão, Nosso Senhor lhe respondia: "Não, por enquanto. Quero mostrar-te toda a infinita doçura de meu amor".

Certa vez, Nosso Senhor mostrou-lhe uma cruz coberta de flores brancas: "Pouco a pouco, estas flores cairão, disse Jesus, e então sentirás os espinhos que estas flores escondem e precisarás de toda a força do meu amor, para sofrer o martírio que te reservo". Esta promessa consolou muito a serva de Deus, que importunava o Divino Mestre para que apressasse o dia em que teria parte em sua Paixão.

Esta visão constante do Divino Salvador, durou dois anos. Andava tão absorta em Deus, que suas orações mais pareciam êxtases místicos. Frequentemente passava doze horas ininterruptas rezando na capela, em completa imobilidade, as mãos em forma de cruz sobre o peito.

Até aqui, entretanto, Nosso Senhor não lhe tinha revelado os segredos de seu divino coração. Esta manifestação da suprema confiança do Redentor, teve início a 27 de dezembro de 1673, na festa de São João, o discípulo amado, quando a santa rezava diante do Santíssimo Sacramento. "Este coração Sagrado — refere a vidente — representou-se-me como um sol resplendente de luz, cujos raios ardentes calam a prumo sobre o meu coração; senti-me então abrasada por tal fogo, que me pareceu que ia ser reduzida a cinzas".

Eram as primícias de uma nova devoção destinada a enriquecer os homens dos seus preciosos tesouros e livrá-los da eterna perdição.

### COMUNHÃO REPARADORA

Seis meses depois realizou-se a segunda grande revelação. Nosso Senhor apareceu-lhe em todo o esplendor de sua glória, com as cinco chagas brilhando como cinco sóis, e o Sagrado Coração à semelhança de uma fornalha ardentíssima. Pediu nessa ocasião a comunhão reparadora das primeiras sextas-feiras de cada mês e que todas as semanas, entre onze e meia-noite da quinta para a sexta-feira, estivesse prostrada durante uma hora com a face na terra, em expiação pelos pecados dos homens e para consolar o Seu Coração do abandono universal a que O haviam relegado os homens.

Nesta revelação aparece o caráter principal da nova devoção e o ponto em que essencialmente difere de todas as que a precederam. Jesus pede um **DESAGRAYO** ao Seu Sagrado Coração, dolorosamente ofendido com a ingratidão dos homens.

A terceira das grandes revelações — a que la concluir o ciclo destas maravilhosas comunicações — realizou-se a 16 de junho de 1675. Nosso Senhor pediu-lhe então que fosse estabelecida na Igreja uma festa particular em honra de seu Coração, na primeira sexta-feira depois da Oitava do Santíssimo Sacramento, havendo nesse dia, no mundo inteiro, comunhões e re-



Imagem setecentista do Sagrado Coração de Jesus, que está ao lado do altar-mór da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (século XVIII), uma das mais belas e antigas Igrejas de Ouro Preto (MG).

paração de honra, em desagravo das indignidades que Ele tem recebido.

"E Eu te prometo — disse Jesus — que o meu Coração se dilatará para espalhar com abundância a influência do seu amor sobre todos os que lhe prestarem esta honra, ou que procurarem que lhe seja prestada".

Para o cumprimento de tão grande missão o próprio Nosso Senhor indicou à sua serva um sacerdote santo, influente, erudito e bem relacionado, que a haveria de auxiliar eficazmente: o padre Cláudio de la Colombière. Juntamente com ele, no dia 21 de junho de 1675, sexta-feira imediata à Oitava do Santíssimo Sacramento, apresentou ao Redentor as primícias das adorações que a humanidade ia em breve prestar-lhe na terra.

Após a terceira grande revelação, Santa Margarida Maria começou a entrar no que poderíamos chamar sua Paixão. A saúde faltou-lhe por completo, e as dores físicas juntaram-se as morais: dúvidas, dificuldades, contradições e perseguições até mesmo de freiras e sacerdotes que não acreditavam em sua missão sobrenatural.

Um dilúvio de dores abateu-se sobre ela — só desapareceu pouco antes de morrer. "Agora — disse ela — é que eu vou morrer, pois que já não soffro e não posso viver sem soffrer". Ninguém queria acreditar em sua morte próxima. No dia 17 de outubro de 1690, chamou todas as religiosas e depois de alguns desfalecimentos, morreu suavemente.

Obras consultadas: Dom Guéranger, "L'Année Liturgique"; Pe. Croiset, S.J., "Ano Cristão".